

SILÊNCIOS CRÍTICOS: A HISTORIOGRAFIA E HISTORIALIZAÇÃO DA ARQUITETURA DO TERCEIRO REICH NO ENSINO NO BRASIL

CRITICAL SILENCES: THE HISTORIOGRAPHY AND HISTORIALIZATION OF THIRD REICH ARCHITECTURE IN EDUCATION IN BRAZIL

Gabriel Costa Pereira, historiador, graduando em Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, gcp@aluno.ueg.br
Pedro Henrique Máximo Pereira, Doutor, UEG/CET, prof.pedromaximo@ueg.br

Resumo: Neste texto analisa-se a presença da arquitetura produzida nos âmbitos do Regime Nazista na historiografia e na formação de arquitetos e urbanistas no Brasil, destacando o papel dos historiadores na construção narrativa, influenciada por sua temporalidade e pelos documentos disponíveis. A historiografia da arquitetura do Terceiro Reich revela lacunas importantes, que podem ser explicadas por limitações de acesso a acervos documentais disponíveis no momento das escritas, escolhas deliberadas de esquiva, intencionais justificadas ou injustificadas, ou não conscientes, dada a densidade do tema. A pesquisa examinou os currículos dos cursos de arquitetura e a presença — ou ausência — da literatura sobre o modernismo, permitindo uma leitura crítica do conteúdo ensinado. Observa-se um hiato tanto na historiografia quanto na formação acadêmica, o que revela uma resistência em incorporar criticamente o estudo da arquitetura nazista como parte do debate historiográfico, ético e moral na formação profissional. Ao evidenciar esse vazio, a investigação propõe uma reflexão sobre os critérios de inclusão e exclusão na produção do conhecimento histórico, apontando para a necessidade de revisões que considerem o papel político da arquitetura e os riscos de sua instrumentalização ideológica, como ocorrido no caso do Nazismo.

Palavras-chave: Arquitetura. Nazismo. Modernismo. Historiografia.

Abstract: This text analyzes the presence of architecture produced during the Nazi Regime in the historiography and training of architects and urban planners in Brazil, highlighting the role of historians in the construction of the narrative, influenced by its temporality and the available documents. The historiography of the architecture of the Third Reich reveals important gaps, which can be explained by limited access to documentary collections available at the time of writing, deliberate choices of evasion, intentional justified or unjustified, or unconscious, given the density of the subject. The research examined the curricula of architecture courses and the presence — or absence — of literature on modernism, allowing a critical reading of the content taught. A gap is observed both in historiography and in academic training, which reveals a resistance to critically incorporating the study of Nazi architecture as part of the historiographical, ethical and moral debate in professional training. By highlighting this gap, the investigation proposes a reflection on the criteria of inclusion and exclusion in the production of historical knowledge, pointing to the need for revisions that consider the political role of architecture and the risks of its ideological instrumentalization, as occurred in the case of Nazism.

Keywords: Architecture. Nazism. Modernism. Historiography.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisa-se o *status quo* da literatura adotada no processo de formação de profissionais de arquitetura e urbanismo no Brasil no que se refere à produção do espaço durante o Regime Nazista (1933-1945). Trata-se, na mesma medida, de um trabalho de historiografia da arquitetura e urbanismo produzidos durante esse Regime, no qual procuramos compreender as prevalências e silenciamentos e, conseqüentemente, suas reverberações na constituição da ética profissional.

Quais literaturas fundamentais são adotadas na formação de profissionais de arquitetura e urbanismo no Brasil? O que elas apresentam sobre a arquitetura produzida durante o período nazista? Quais implicações e possibilidades de discussões éticas elas podem suscitar? Essas e outras perguntas permeiam e orientam o trabalho aqui apresentado, que revela resultados parciais de uma pesquisa ainda em desenvolvimento. Seu objetivo é compreender os processos de historialização da arquitetura nazista e seus impactos na formação acadêmica de arquitetos e urbanistas.

Este texto se justifica dado o crescente aumento da posição de posturas de extrema direita no mundo e no Brasil, contexto que requer das Universidades e instituições de ensino atenção ao que Walter Benjamin (1985) chamou de *Jetztzeit*, o tempo-do-agora. Também, na escassez de abordagens críticas sobre o tema na historiografia tradicional e na quase ausência de sua presença nos currículos dos cursos de arquitetura no Brasil.

A partir do conceito de “urdidura de enredo”, proposto por Hayden White em *Trópicos do Discurso* (2014), busca-se compreender como os historiadores constroem narrativas ao codificar fatos em estruturas narrativas específicas, atribuindo-lhes sentido e direção. Essa operação, segundo White, não é neutra: ao selecionar um tipo de enredo, o historiador define quais eventos ganham destaque, quais personagens assumem protagonismo e, sobretudo, quais aspectos são omitidos ou relegados ao silêncio.

Essas possíveis ênfases e lacunas aqui são interpretadas à luz das proposições de White, que considera que os sentidos extraídos de um registro histórico dependem tanto da sua materialidade quanto das perguntas que uma época está disposta — ou autorizada — a formular. A análise, portanto, se volta à maneira como a arquitetura nazista foi registrada, negligenciada ou reinterpretada ao longo do tempo,

revelando os mecanismos historiográficos que moldam nossa compreensão do passado. É importante, ainda, compreender como a escolha por determinadas narrativas implica a construção de hiatos, eclipses e ausências deliberadas, sobretudo diante de um tema marcado por intensas implicações morais e políticas.

Ao recorrer à abordagem de Hayden White, enfatiza-se que a historiografia não é uma mera reprodução factual, mas uma operação criativa, estruturada por escolhas narrativas que determinam o que é considerado digno de ser contado. Investigar a urdidura de enredo da historiografia sobre a arquitetura nazista implica refletir sobre o papel ativo do historiador na mediação entre passado e presente, questionando os critérios de seleção, legitimação e exclusão dos discursos históricos.

Assim, este trabalho pretende contribuir para o debate historiográfico e acadêmico ao evidenciar que os silêncios em torno da arquitetura do Terceiro Reich não se devem apenas à escassez de fontes disponíveis, mas podem ter sido resultadas, também, de ações deliberadas de esquiva, não intencionais ou justificadas. Essa caracterização da literatura é frequentemente motivada por razões éticas, políticas e pedagógicas que merecem ser problematizadas com mais profundidade.

Trata-se, portanto, de compreender a arquitetura como documento histórico e, simultaneamente, de interrogar os mecanismos pelos quais determinadas narrativas são produzidas, disseminadas ou suprimidas no campo da história da arquitetura. Ao trazer à tona essas dinâmicas, o texto propõe não apenas uma revisão crítica da historiografia existente, mas também uma reflexão sobre os limites e possibilidades da narrativa histórica diante de temas sensíveis, como a arquitetura associada a regimes totalitários.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

Os procedimentos adotados durante a pesquisa seguiram critérios metodológicos específicos e se constituíram em etapas.

Para responder ao problema colocado, foi necessário, inicialmente, compreender o quadro geral da formação de profissionais da arquitetura e urbanismo no Brasil a partir de seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) das Instituições de Ensino Superior (IES). O primeiro critério consistiu na disponibilidade pública e transparente dos PPCs, especialmente no que se refere à legibilidade das ementas e à apresentação clara das bibliografias utilizadas nas disciplinas. Neste critério,

ainda, estava a distribuição geográfica dessas IES, tendo em vista que a proposta é estabelecer uma amostragem

IES:	Cidade:
Nome da disciplina:	Ementa:
Bibliografia Básica:	Bibliografia Complementar:

nacional.

Neste sentido, empreendeu-se uma pesquisa exploratória com vistas a identificar, nos PPCs, as Unidades Curriculares ou disciplinas em que os conteúdos pertinentes ao objeto dessa pesquisa, a arquitetura produzida durante o nazismo (1933-1945), estão indicados. Este segundo critério exigiu a presença, nos currículos, de disciplinas cuja temporalidade dialogasse de forma direta ou correlata com o período investigado. Além disso, considerou-se a presença das obras nas bibliotecas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e em acervos pessoais, o que reforça sua relevância e acessibilidade acadêmica.

Por fim, utilizou-se também como parâmetro o ranking de 2024 dos melhores cursos de Arquitetura e Urbanismo publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo, assegurando a inclusão de instituições com tradição formativa reconhecida. Esse critério foi importante para caracterizar o padrão de formação desses cursos e quais conteúdos pertinentes à produção nazista são ministrados ou trabalhados.

A técnica adotada para essa identificação foi vasculhar, nos ementários, tais conteúdos e, posteriormente, selecionar as bibliografias básica e complementar. Realizados todos os levantamentos, adotamos como critério a seleção das 7 (sete) obras literárias mais recorrentes, observando o seguinte critério: deveria haver distanciamento histórico da publicação, edições e revisões de 30 anos após o final da Segunda Guerra Mundial, período em que diversos documentos restritos ou desaparecidos da multidimensionalidade da produção do espaço por parte do regime nazista foram identificados e publicizados.

A coleta de dados foi sistematizada por meio de uma tabela-padrão (tabela 1), onde foram registrados nome da IES, cidade, nome da disciplina, ementa, bibliografia básica e complementar, possibilitando um mapeamento organizado e comparativo. Em seguida, fez-

se o levantamento quantitativo da presença das principais obras teóricas nos PPCs.

Tabela 1 – Levantamento dos PPCs. Fonte: Acervo da pesquisa Auschwitz, arquitetura: técnica, imagem e legibilidade.

No que diz respeito à leitura bibliográfica das obras, em um primeiro momento, foi necessário localizar o capítulo que delimita a temporalidade pertinente, tarefa realizada na obra em título original ou em sua versão em inglês.

Na sequência desse processo, a identificação das vicissitudes mais profundas da obra ocorreu por meio dos mecanismos de leitura mencionados na Tabela 2. Esses elementos se evidenciaram com maior clareza no segundo momento da análise, que consistiu na comparação com o texto em português em diferentes edições, a fim de compreender as modificações ou permanências ao longo do tempo.

Tabela 2 – Ficha de análise das obras selecionadas. Fonte: Acervo da pesquisa Auschwitz, arquitetura: técnica, imagem e legibilidade.

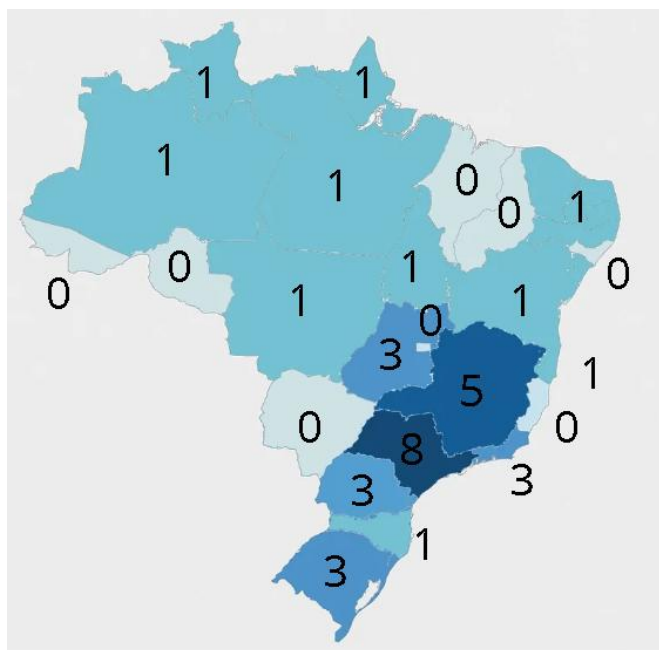
Dados catalogados da obra analisada			
Título original			
Título no Brasil			
Análise do Título			
Número/ano da edição			
Local da publicação			
Editora			
Capa			
Comentários sobre a capa			
Comentários sobre o sumário			
Anotações sobre como o contexto do Terceiro Reich foi abordado			
Obras e profissionais citadas (páginas)			
Comentários críticos sobre a abordagem das obras/profissionais			
Contribuição para o estado da arte			
A quem o livro é recomendado			

RESULTADOS

A partir dos critérios adotados, foram identificados no levantamento 33 cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil em 19 estados da federação, com ênfase nos estados de São Paulo e Minas Gerais, em virtude de terem mais graduações em Arquitetura e Urbanismo e da transparência dos seus PPCs. Nos estados do Rio de Janeiro, Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul foram analisados 3 cursos cada, e no restante dos estados foi consultado 1 PPC de cada, conforme disponível na Figura 1. Durante a pesquisa observou-se dificuldade de encontrar alguns PPCs, ou o modo como eles estavam estruturados não obedeciam à divisão clássica entre as bibliografias básica e complementar.

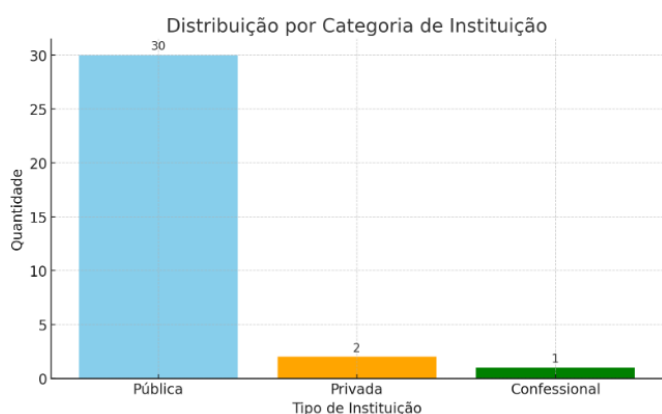
Desses cursos, 30 são de IES públicas, 2 privadas e 1 confessional (Figura 2). Foi identificado que os conteúdos pertinentes ao contexto ou ao tema tratado nessa pesquisa encontravam-se, majoritariamente, nas disciplinas da área de Teoria, História e Crítica da Arquitetura e Urbanismo.

Figura 1 – Relação de cursos analisados por Estado da Federação.



Fonte: Elaborado por Gabriel Costa Pereira, 2025.

Figura 2 – Categorização das IES por natureza administrativa-financeira.



Fonte: Elaborado por Gabriel Costa Pereira, 2025.

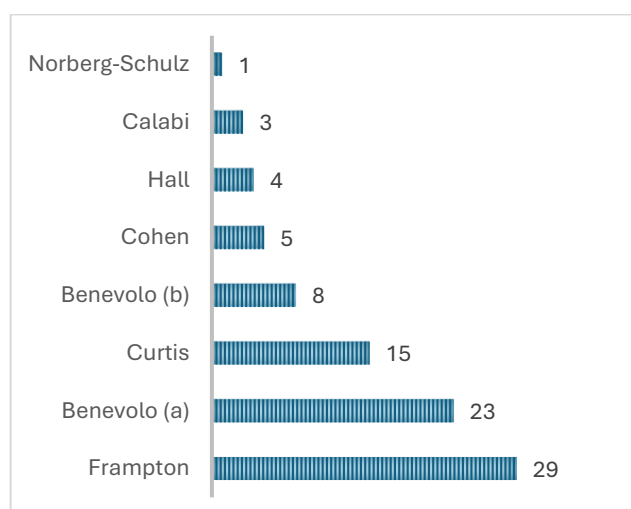
Durante essa etapa, levantaram-se ementas de disciplinas com nomenclaturas variadas que contemplam, ao menos formalmente, o recorte temporal investigado, como: “Arquitetura e Urbanismo Modernos I” (USP), “História da Arquitetura IV” (UFRJ), “Teoria, História e Crítica da Arquitetura III” (IFRGS), “História da Arquitetura e do Urbanismo III” (UFPE), “História da Arquitetura e do Urbanismo III” (UFPE), “História da Arquitetura e do Urbanismo 2” (UFC), “História da

Arquitetura III – Do Neoclássico ao Moderno” (Unesp), “Estúdio Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo 2” (Mackenzie), “Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo VI” (UFPA), “História da Arte, Arquitetura e Urbanismo II” (UFSC), “História da Arquitetura III” (UFG), “História da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo II” (UFPE), “História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo V” (FAAP), “História da Arquitetura II” (UFAM), “História da Arte e Arquitetura 2” (UEG) e “Arquitetura Contemporânea” (UEG).

A análise dessas ementas revelou a presença recorrente do período moderno nos currículos, indicando sua importância na formação dos profissionais da área. No entanto, não foi possível afirmar com segurança se o tema da arquitetura nazista é tratado de forma crítica e direta. Embora o recorte histórico esteja, em termos gerais, contemplado, permanece a dúvida sobre a abordagem específica da arquitetura do Terceiro Reich, o que reforça a hipótese de que esse conteúdo, embora relevante para as discussões éticas e morais, muitas vezes é evitado ou tratado de maneira marginal.

Nesse contexto, realizou-se o mapeamento das bibliografias mais recorrentes nos cursos, destacando-se autores como Leonardo Benevolo (1923-2017), Kenneth Frampton (1930), Donatella Calabi (1943), William J. R. Curtis (1948), Jean-Louis Cohen (1949-2023), Peter Hall (1932-2014) e Christian Norberg-Schulz (1926-2000), cujas obras clássicas aparecem com frequência nos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs). O gráfico (figura 3) mostra com clareza quantas vezes as obras e os autores aparecem no levantamento das ementas e dos PPCs, obedecendo os critérios explicitados nos Procedimentos de Trabalho.

Figura 3 – Autores mais indicados nas bibliografias básica e complementar.



por eles abordadas, que, por sua vez, se configuram como processos de historialização.

Nesse sentido, a primeira operação analítica foi estabelecida a partir da leitura das capas dos livros. A capa de *História Crítica da Arquitetura Moderna*, de Kenneth Frampton, apresenta uma axonométrica do projeto Notre-Dame du Phare (1931), de Alberto Sartoris — curiosamente, não abordado no livro. Já *História da Arquitetura Moderna*, de Leonardo Benevolo, na edição original, destaca o edifício Mannesmann Hochhaus, em Düsseldorf (Egon Eiermann e Paul Schneider-Esleben). A edição brasileira, por sua vez, utiliza uma repetição do Homem Vitruviano de Da Vinci sobre um fundo acobreado, sugerindo uma conexão simbólica com os princípios clássicos citados por Vitruvius — harmonia, simetria, equilíbrio — elementos fundamentais da arquitetura moderna.

A partir da compreensão dos hiatos produzidos por essa historiografia, é possível identificar os arquitetos e obras mais citados neste levantamento. Consequentemente, pode-se afirmar que tais escolhas acabam por obliterar aquelas que não são mencionadas, assim como os arquitetos que, embora presentes no contexto, permanecem à margem da narrativa. Com base na leitura estrita dos capítulos referentes à produção do Terceiro Reich, foi possível lastrear os seguintes arquitetos e o número de vezes em que são referenciados na historiografia supramencionada. Albert Speer (6); Paul Ludwig Troost (4); Heinrich Tessenow (3); Hugo Häring (2); Hans Scharoun (2); Otto Haesler (2); Adolf Rading (2); Walter Gropius (2); Paul Schultze-Naumburg (2); Wilhelm Kreis (2); Mies van der Rohe (2). No que resvala as obras mais presentes nesse recorte de literatura são: Zeppelin em Nuremberg (4); Nova Chancelaria em Berlim (4); Catedral da Luz (3); Estádio Olímpico de 1936 (2); Weissenhofsiedlung (2); Pavilhão Alemão da Expo 1937, Paris (2); Casa de Arte Alemã (2); Pavilhão de Barcelona (2); Arco do Triunfo (2); Volkshalle (2). As obras são citadas pelos autores, não possuem valor de arquitetura referenciável, como a arquitetura da morte.

historia critica da arquitetura moderna Karl Moser Hansmann 	história da arquitetura moderna Leandro Delgado 		HISTÓRIA DA CIDADE de J. B. de Oliveira 
O futuro da arquitetura desde 1889 Uma história Jeuindia Jean-Louis Cohen 	PETER HALL CIDADES DO AMANHÃ 	DA URBANISMO 	DONATEL GALABI HISTORIA DO URBANISMO EUROPEU 
	estudos estudos estudos 	estudos estudos estudos 	Editorial nova 

Essa análise comparativa permitiu observar convergências teóricas entre os autores mais citados, ao mesmo tempo em que revelou divergências relevantes em relação à forma como cada um trata a arquitetura sob regimes totalitários. Esses dados são fundamentais para entender como o tema da arquitetura nazista é mediado, de forma indireta ou direta, no ensino superior brasileiro, e como o repertório bibliográfico contribui — ou não — para a problematização crítica desse período.

Nesse interim, foi possível identificar — em certa medida — o distanciamento do tema em relação à realidade dos cursos de formação no ensino superior, especialmente no que se refere à sua devida contextualização. A leitura cartográfica dos cursos no Brasil revela esse cenário. Apesar da existência de alguns dados, o que se destaca, na verdade, é o hiato nos cursos, a opacidade nos Projetos Pedagógicos de Curso ou até mesmo a completa ausência de divulgação.

DISCUSSÃO

A problematização que orienta esta pesquisa parte do pressuposto de que a arquitetura desenvolvida durante o regime nazista foi sistematicamente negligenciada ou tratada de forma marginal nas principais obras que compõem o cânone da história da arquitetura moderna. A investigação propôs-se, então, a verificar essa hipótese por meio do levantamento bibliográfico em currículos de cursos de Arquitetura e Urbanismo em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil e da análise crítica das obras que fundamentam esses currículos.

Diante dos dados levantados, os resultados confirmam parcialmente essa hipótese: embora o recorte temporal (1933–1945) esteja presente nas ementas e bibliografias analisadas dos PPCs, as abordagens sobre a arquitetura do Terceiro Reich se revelam superficiais, esquivas ou mesmo ausentes, especialmente em relação aos campos de extermínio e à arquitetura da morte. A metodologia adotada mostrou-se adequada para lançar luz sobre as lacunas existentes na historiografia da arquitetura moderna. Ao cruzar a presença das obras nas ementas dos cursos com a leitura crítica de seu conteúdo, foi possível não apenas mapear a recorrência bibliográfica, mas interpretar o que essas obras dizem — e principalmente o que silenciam — sobre o objeto em questão.

A obra de Kenneth Frampton (1997) é a mais recorrente no levantamento, o que resulta em uma análise mais generalista. Frampton adota uma abordagem contextual voltada ao papel social dos arquitetos, tratando de forma superficial os debates realizados. Ele evidencia a vinculação ideológica de alguns arquitetos ao racismo pseudocientífico e resgata a origem da linguagem neoclássica do século XIX na Alemanha, através de Schinkel, Gilly e Langhans. Apresenta um panorama das políticas arquitetônicas do Terceiro Reich, mostrando como o regime deslocou o funcionalismo modernista para a arquitetura industrial, enquanto adotava o classicismo espartano de Albert Speer e Paul Ludwig Troost nas construções estatais. Destaca ainda a arquitetura civil, incluindo habitações sociais, e aponta a atuação de Paul Schultze-Naumburg, figura que unia prática arquitetônica a teorias racialistas.

Leonardo Benevolo (2001; 2003), por sua vez, também oferece uma leitura generalista. Trata a arquitetura nazista como um dos elementos do cenário arquitetônico da primeira metade do século XX. Não dedica um capítulo específico ao tema, inserindo-o no contexto mais amplo da arquitetura alemã e austríaca,

dentro de um recorte temporal que vai do final do século XIX até meados do século XX. Sua preocupação maior é traçar um panorama histórico que engloba movimentos arquitetônicos reacionários, progressistas, autoritários e libertários, sem aprofundar nas especificidades técnicas, simbólicas ou materiais das obras. A arquitetura do Terceiro Reich aparece, assim, diluída entre elementos contrastantes, sem um esforço de historialização ou de problematização crítica. As obras são citadas sem contextualização e sem análise dos valores de linguagem ou das intenções políticas subjacentes.

Em contraste, William Curtis (2008) e Jean-Louis Cohen (2013) adotam abordagens mais críticas e contextualizadas. Curtis busca compreender a arquitetura nazista como produto de uma sociedade historicamente determinada, enfatizando a capitulação da arquitetura diante da propaganda estatal. Destaca os contrastes entre o modernismo da Bauhaus e da Werkbund com a monumentalidade do Terceiro Reich, revelando paradoxos do regime ao empregar arquitetos modernos como Mies van der Rohe quando conveniente. Observa uma transformação da linguagem arquitetônica do regime na transição entre Troost e Speer, associando-a à megalomania de Hitler.

Cohen oferece uma leitura holística, situando a arquitetura do Terceiro Reich dentro de um movimento internacional de revalorização do classicismo, presente inclusive em democracias ocidentais. Ele aproxima obras alemãs de exemplos como a *National Gallery of Art* de Washington, evitando um enfoque exclusivamente nacional ou ideológico. Sua análise da *Welthauptstadt Germania* é a mais completa entre os autores citados, embora recorra a estratégias generalistas e evite uma crítica direta à instrumentalização da arquitetura pelo regime. Frampton, Benevolo e Curtis escrevem desde a década de 1980, com acesso limitado a arquivos soviéticos. Cohen, mesmo escrevendo posteriormente, mantém certa distância crítica, sem revisar substancialmente os discursos consagrados. A arquitetura dos campos de concentração, como a de Auschwitz projetada por Fritz Ertl — egresso da Bauhaus — por ele pesquisada na exposição *Architecture in Uniform*, sequer é mencionada.

Nesta análise, as obras de Hall (2009), Calabi (2012) e Norberg-Schulz (2005) ainda não foram investigadas em profundidade, mas em análise prévia é possível afirmar que Calabi e Norberg-Schulz não abordam a produção nazista.

A organização metodológica, a partir da análise das edições brasileiras e originais das obras, permitiu compreender o tempo de maturação das ideias dos autores, bem como alterações ou permanências conceituais ao longo do tempo. Como alerta Roger Chartier, a interpretação dos documentos não é um exercício neutro: toda leitura carrega intencionalidades históricas, escolhas metodológicas e opera em um equilíbrio entre a subjetividade do pesquisador e a objetividade dos vestígios documentais (CHARTIER, 2002).

Essa ausência configura-se como um silêncio historiográfico revelador. Como aponta Koselleck (2006), o passado é sempre interpretado em função do presente — é ruminação constante, acúmulo de documentos, distanciamentos e perguntas. A experiência histórica não é cronologicamente aditiva, mas dialética, descontínua, repleta de fraturas. Esta pesquisa revela uma fratura epistemológica: a recusa ou a incapacidade da historiografia arquitetônica de integrar plenamente a produção nazista à narrativa da modernidade. Em parte, essa recusa pode ser explicada por um esforço de preservar a modernidade como um campo ético-estético positivo, dissociado da barbárie. No entanto, essa estratégia resulta em um apagamento crítico, em uma narrativa que opera por exclusões, reforçando a ideia de que o nazismo foi um “desvio” e não um produto articulado da racionalidade moderna, como apontado por Zygmunt Bauman (1998).

A análise das capas, sumários e abordagens revelou que o recorte temporal da arquitetura do Terceiro Reich é raramente tematizado como objeto autônomo. Mais grave ainda, os campos de extermínio — que não são apenas locais de morte, mas produções arquitetônicas e urbanas com intencionalidade projetual — são completamente excluídos da discussão. É mister reposicionar essa arquitetura. A arquitetura racionalista, o urbanismo higienista, a monumentalidade simbólica — todos esses elementos estão presentes tanto nas propostas modernistas quanto na produção nazista, e ignorar essa confluência é ignorar o caráter ambivalente e contraditório da modernidade arquitetônica.

A reflexão metodológica também se impõe. A escolha pela análise das edições originais e brasileiras revelou-se acertada, pois permitiu uma leitura crítica diacrônica das obras, captando nuances, ausências e revisões de posicionamento. Além disso, o levantamento restringiu-se à bibliografia listada nos PPCs, o que pode

não contemplar todo o conteúdo debatido em sala ou as referências mobilizadas pelos docentes.

Ainda assim, os desdobramentos desta pesquisa são significativos: ao evidenciar os silêncios da historiografia da arquitetura moderna, propõe-se uma revisão crítica do cânone e a necessidade de incorporar novas perspectivas — especialmente aquelas que não têm medo de confrontar os vínculos entre modernidade e barbárie. Como afirma Chartier (2002), a construção do conhecimento histórico exige a validação entre discurso e objeto, o que só é possível se reconhecermos as lacunas e zonas de silêncio que precisam ser investigadas.

CONCLUSÕES

A análise da abordagem da arquitetura do Terceiro Reich na literatura moderna revelou lacunas significativas no tratamento historiográfico de um tema sensível, porém crucial. Constatou-se a ausência de uma reflexão crítica mais aprofundada sobre a arquitetura vinculada ao regime nazista, especialmente em obras amplamente referenciadas na formação acadêmica. Esse silêncio, muitas vezes naturalizado, revela uma escolha metodológica ou ética – ou ainda não declarada – dos autores que, ao evitarem o tema, deixam de problematizar aspectos fundamentais da modernidade arquitetônica. Tal omissão evidencia o que Hayden White descreve como uma urdidura de enredo, na qual a organização narrativa da história determina o que será lembrado ou esquecido, o que ganha sentido e o que permanece como resíduo incômodo. O trabalho propõe, assim, o aprofundamento desse debate, ampliando o campo de análise da arquitetura moderna para além das narrativas consagradas. Como desdobramento, aponta-se a necessidade de novos estudos que confrontem essa memória arquitetônica, proponham revisões historiográficas e integrem outras leituras da modernidade.

É preciso investigar as arquiteturas do regime que extrapolam a figura de Albert Speer, analisando os campos, os projetos técnicos anônimos e as formas espaciais do extermínio. Nesse contexto, mobiliza-se a noção benjaminiana de *Jetztzeit*, o “agora” carregado de potência histórica, como chave para reinscrever criticamente tais produções no imaginário moderno. A proposta, portanto, não é apenas denunciar um silêncio, mas criar condições para que ele seja preenchido com crítica e memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa e à Universidade Estadual de Goiás pelo fomento, espaço e estrutura necessários para sua realização.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. **História da cidade**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALABI, Donatella. **História do urbanismo europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- COHEN, Jean-Louis. **Futuro da arquitetura desde 1889 – Uma história mundial**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC- Rio, 2006.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Los principios de la arquitectura moderna: sobre la nueva tradición del siglo XX**. Reverté: Barcelona, 2005.
- WHITE, Hayden. **Enredo e verdade na escrita da história**. Brasília: Editora da UnB, 2019.
- _____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.